

Blon. Brasil

Para Gardenali e Eris, choque vem daqui a 2 meses

JORNAL DE BRASÍLIA 18 AGO 1993

São Paulo — Economistas que viveram de perto choques anteriores acreditam que o próximo está chegando. O ex-presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, afirma que o País viverá nos próximos dois meses condições únicas para o ajuste fiscal e monetário que precede um novo choque, admitido pela equipe da Fazenda. "Há uma oportunidade de ouro, pois o País de 93 é muito diferente do de 90". Hoje, nota, "não está na moda olhar o lado bom das coisas, mas a economia está muito melhor e com a revisão constitucional podemos criar condições para um ajuste estável". Eris e o ex-secretário nacional da Fazenda, Geraldo Gardenali, viveram cada um dois planos heterodoxos — Gardenali, os Planos Bresser e Collor I, e Eris, o Collor I e o Collor II. "Acho que o Governo comprou a idéia", afirma Gardenali. A economia também aposta no choque e, em dois dias, as ações subiram 10% em São Paulo.

Falar em desindexação, segundo Eris, "é um eufemismo. O Governo está falando em heterodoxia, numa segunda etapa, não só eliminando a correção monetária mas fazendo algo, dolarização, prefixação, isto é inevitável".

Fatos novos — Eris e Gardenali acreditam que o mais provável é

que um novo choque chegue em janeiro. "Com a ascensão de Pedro Malan à presidência do Banco Central, a equipe cria fatos novos que permitirão adiar a cobrança de uma política antiinflacionária, principalmente se os índices de setembro não superarem os 33,5%, sendo semelhantes aos de agosto", analisa Gardenali. Depois de outubro, com a proximidade do fim do ano, diminui a possibilidade de um choque. Eris assinala que "o momento é difícil, mas há uma equipe capacitada, que tem a confiança da sociedade".

Uma das hipóteses para o choque é a criação do **currency board** — um conselho para controlar moeda, como existe em Hong Kong e Cingapura, defendido pelo economista André Lara Resende, um dos autores do Plano Cruzado, de 1986, e que acaba de voltar ao Governo como negociador da dívida externa. A proposta está associada à criação de duas moedas — uma lastreada em dólar e a outra, a moeda atual. "Há o risco de uma hiperinflação na moeda fraca, o cruzeiro", teme Gardenali. Eris reforça: "Não é uma idéia que me atrai, nem sei se teríamos condições de reunir um board que transmita confiança à sociedade às vésperas de uma eleição, quando não se sabe qual é o próximo Governo".